

O estilhaço que atingiu Bastiana Vasco

por António Gumende, da AIM

Bastiana Vasco, 23 anos, ostenta ainda no braço direito a cicatriz do incidente que há meses marcou para sempre a sua vida. Ela conta que foi numa manhã de Janeiro quando se dirigia à sede do distrito de Caia, vindo da localidade de Murraça, que tudo aconteceu: Uma das pessoas do grupo em que seguia accionou uma mina colocada pelos bandidos armados e num ápice Bastiana Vasco perdeu o marido, o irmão e o cunhado.

Ela foi atingida por um estilhaço da mina no músculo do antebraço direito, facto que fez com que tivesse de ser internada cerca de um mês em Caia.

Agora ela vive com o seu filhinho que aparenta ter 10 meses, em Caia, onde se encontram actualmente mais de 7 500 pessoas, maioritariamente deslocadas de guerra fugidas das acções dos bandidos armados ou libertadas destes.

A senhora Terezinha, 35 anos, tem

Terezinha acrescentou que os bandidos meteram-na numa canoa e fizeram-na atravessar o Zambeze, deixando para trás todo o produto do seu esforço.

Dias depois ela chegou à sede distrital de Caia, onde veio engrossar o número das pessoas que diariamente aguardam ansiosamente o som do velho avião «DC-3» que transporta ajuda alimentar para os distritos de Sofala só alcançáveis por ar devido à guerra movida pela África do Sul.

O «DC-3», fretado pelo Governo italiano e ironicamente tripulado por pilotos sul-africanos, reiniciou os voos para Caia a 15 de Março depois de quase um mês de interrupção.

Quando a Reportagem da AIM visitou Caia a 16 de Março, o avião havia já transportado 3 toneladas de feijão, quantidade que segundo as autoridades locais não chega para abastecer a população aglomerada na vila nem para um dia.

A população local tem recorrido a verduras tais como folhas de abóbora e de feijoeiro, temperadas com semente de pepino, para a sua alimentação.

A cultura destas e outras verduras tem sido favorecida pelas chuvas que têm caído em quase toda a província desde os princípios do mês de Fevereiro.

Contudo, o afluxo contínuo das populações que fogem dos bandidos à vila de Caia, que atingiu uma média de 20 pessoas por dia nos meses de Janeiro e Fevereiro, tem agravado ainda mais a situação alimentar e de alojamento.

Grande parte dos recém-chegados encontra-se acomodada em velhos edifícios que serviram de armazém da companhia açucareira «Sena Sugar Estates», que funcionou inicialmente em Caia, antes de ser transferida para Marromeu.

António Mandala Saraiva, secretário para a Organização do Partido e substituto do administrador, revelou que os deslocados permanecem cerca de dois meses nos armazéns, tempo considerado suficiente para construírem a sua palhota e receberem terra para cultivar.

A cobertura do tecto parece ser o único problema para o qual os residentes de Caia já encontraram solução: eles utilizam as chapas de zinco ondulado que outrora cobriram algumas casas e armazéns, como tecto para as suas humildes cabanas.



Bastiana Vasco mostrando a cicatriz do estilhaço de mina

uma outra história. Ela acabava de chegar a Caia há um dia proveniente de Chindio, distrito de Mutarara, na província de Tete, que fica do outro lado do rio.

Ela revelou ter sido expulsa do local, onde vivia, pelos bandidos armados que pretendiam assim apoderar-se das suas culturas que se encontravam na época de colheita.